



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**A POESIA VISTA NO CÂNTICO E A PERFORMANCE NA DANÇA DAS CAIXEIRAS
DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NO ESTADO DO MARANHÃO**

VERA LÍCIA DE MELO

Rio de Janeiro

2020

VERA LÍCIA DE MELO

A POESIA VISTA NO CÂNTICO E A PERFORMANCE NA DANÇA DAS CAIXEIRAS
DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NO ESTADO DO MARANHÃO

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras na habilitação Português/ Literaturas em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Rogério Tavares Sampaio Salgado – UFRJ – Rio de Janeiro

Leitor Crítico: Prof. Dr. Wagner Coriolano de Abreu – PUC – Rio Grande do Sul

Rio de Janeiro

2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado saúde e proteção para que chegasse até aqui. Agradeço também ao meu orientador, Prof. Dr. Marcus Rogério Tavares Sampaio Salgado pelo empenho dedicado, por sua paciência e suas ricas orientações prestadas na elaboração desta pesquisa. Agradeço por incentivar-me e colaborar no desenvolvimento de minhas ideias, permitindo-me falar de um assunto tão rico e importante – da minha querida terra natal (em particular, do bairro Pindoba), o município de Paço do Lumiar no Maranhão.

Agradeço à minha amada mãezinha, Sinesia Isidoria de Melo, que foi meu maior incentivo e a responsável pela formação de meu caráter e quem me ensinou valores que têm me acompanhado até então. Também agradeço à Nanda, minha amada sobrinha-irmã, por toda compreensão, colaboração, companheirismo e pela infinita paciência e carinho nesses muitos anos. Por dar-me forças para que eu pudesse vencer os desafios e as dificuldades surgidas durante todo esse período de estudos. Por fim, agradeço às minhas amadas irmãs Vera (minha madrinha), Neia, Léia, Nem e ao meu sobrinho Vander pelo grande incentivo e preocupação com minha segurança ao chegar e voltar bem da faculdade.

O canto mais que o dizer, amplia a zona de recepção das frases que ele traz – até além das fronteiras da incompreensão e confirmados pelos instrumentos que transmitem-se e viajam sem que intervenha necessariamente a natureza da linguagem formalizada.

(ZUMTHOR, 1987, p.151)

RESUMO

O presente trabalho tem como tema *A poesia vista no cântico e na performance da Dança das Caixeiras da Festa do Divino Espírito Santo no estado do Maranhão*. É através de um olhar carinhoso, compreensivo, com a distância de uma observadora técnica, mas apresentando a legitimidade da vivência, que se fixa, neste trabalho, a Festa maranhense. Festa que procuramos apresentar com todo seu colorido, movimentação, sonoridade e, acima de tudo, ternura, reconhecendo sua grande importância e prestando respeito a essa extraordinária manifestação popular – fator fundamental para a escolha do tema. Nosso objetivo é abordar como um ritmo musical pode ser incorporado à poesia e à performance desempenhada pelas Caixeiras, peças-chave do festejo que com grande desenvoltura, emoção, improvisação e experiência fazem dessa festa uma das mais importantes manifestações populares do Brasil. Para além, esta pesquisa busca tecer esclarecimentos acerca do que é o *Festejo do Divino Espírito Santo*, em particular na casa de festa de Dona Elzira Ferreira Melo (conhecida como Dona Zica). Casa essa localizada no bairro de Pindoba situado no município de Paço do Lumiar pertencente à região metropolitana de São Luís, que, em 2019, completou 156 anos de existência. Misturam-se, na Festa do Divino Espírito Santo, elementos sagrados e profanos com graça, beleza, devoção e diversidade. A festa segue um ritual sincrético constituído de valioso conjunto de detalhes que a memória popular mantém bem vivos. Ela imortaliza as expressões de fé e de vida da população do Maranhão e demonstra resistência e grande tradição no estado.

Palavras-chave: Divino Espírito Santo; Caixeiras; Sagrado; Profano; Sincretismo.

RÉSUMÉ

Ce travail a comme thématique la poésie vue dans le chant et dans la performance de la Dança das Caixeras lors de la Festa do Divino Espírito Santo, dans l'état du Maranhão, au Brésil. C'est à travers d'un regard tendre, compréhensif et, d'une part, écarté, d'une observatrice technique et, d'autre part, présent en tant qu'expérience vécue, qui se tient, dans cette production, la fête mentionnée ci-dessous. Laquelle, nous essayons de présenter avec tous ses ingrédients tels que ses couleurs, ses mouvements, sa sonorité et, surtout, sa tendresse, reconnaissant sa grande importance et respectant cette extraordinaire manifestation populaire, facteur fondamentale pour le choix de cette thématique. L'objectif c'est d'aborder la façon dont le rythme musical peut être intégré à la poésie et à la performance effectuée par la Dança das Caixeras, pièce-clé du festin qui le rend, avec toute sa désinvolture, émotion, improvisation et expérience, l'un de plus importantes manifestations populaires brésiliennes. En plus, cette recherche vise à éclaircir ce qui est le Festejo do Divino Espírito Santo, plus strictement à la maison des fêtes Dona Elzira Ferreira Melo (Dona Zica). Laquelle se situe dans le quartier Pindoba à Paço do Lumiar, aux alentours de São Luís do Maranhão, qui a fêté ses 156 ans en 2019. Des éléments sacrés et profanes sont, à la fois, présents dans la Festa do Divino Espírito Santo, apportant de la grâce, de la beauté, de la dévotion et de la diversité. La célébration obéit à un rituel syncrétique composé d'un précieux conjoint de détails que la mémoire populaire maintient vivants. Ce souvenir immortalise les expressions de foi et de vie de la population de l'état du Maranhão et montre aussi la résistance ainsi que la tradition de ce lieu.

Mots-clés: Saint-Esprit Divin; Caissiers; Profan; Syncrétisme; Poésie.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 - Genésia Divina	35
Fotografia 2 - Bernardina Ferreira (Binoca).....	36
Fotografia 3 – Dança e cântico das Caixeiras no salão real (Tribuna) após chegada da missa	37
Fotografia 4 - Dança e cântico das Caixeiras no salão real (Tribuna) após chegada da missa	37
Fotografia 5 – Reverência entre as Caixeiras para assumir o lugar de dança (Umbiga).	38
Fotografia 6 – Canto de agradecimento e pedido ao Divino Espírito Santo para que suba ao Céu (Fechamento da Tribuna).....	38
Fotografia 7 – Dança das Caixeiras	39
Fotografia 8 - Dança das Caixeiras	39
Fotografia 9 – Canto de agradecimento ao padre pela celebração da missa e coroação do Império.....	40
Fotografia 10 – Império da Festa do Divino Espírito Santo no ano de 2019	40
Fotografia 11 – Da esquerda para direita: Imperatriz Érica Maria nos anos de 2016 e 2017 em pagamento de promessa feita por sua tia, Dona Neinha.....	41
Fotografia 12 – Abertura da Tribuna (Santa Coroa).....	44
Fotografia 13 - Altar do Divino Espírito Santo	45
Fotografia 14 - Batizado do Mastro.....	46
Fotografia 15 - Levantamento do Mastro	47
Fotografia 16 - Dança das Caixeiras.....	48
Fotografia 17 - Dança das Caixeiras.....	49

Fotografia 18 - Visita do Império à Mordoma-régia Érica, na residência de Dona Sinésia (conhecida como Dona Sinoca). Mordoma esta dada ao Divino por sua tia Vera Leudes (conhecida por Neinha) por pagamento de promessa.....	50
Fotografia 19 - Visita do Império	50
Fotografia 20 - Visita do Império	51
Fotografia 21 - Entrada do Império na igreja para missa de coroação	53
Fotografia 22 - Preparação para coroação do Império	53
Fotografia 23 - Coroação do Império	54
Fotografia 24 - Busca do roubo do Império e objetos sagrados do Divino Espírito Santo	55
Fotografia 25 - Derrubamento do Mastro.....	56
Fotografia 26 - Início do Fechamento da Tribuna com o repasse das posses reais para o Império do ano seguinte	57
Fotografia 27 - Início do Fechamento da Tribuna com o repasse das posses reais para o Império do ano seguinte	57
Fotografia 28 - : Repasse da coroa do Divino Espírito Santo (santa croa) e das bandeirinhas para as crianças (santeira e bandeireiras) do ano seguinte.	58
Fotografia 29 - Repasse das Posses Reais para os padrinhos do ano seguinte.....	58
Fotografia 30 - Recolhimento dos objetos sagrados para Encerramento da Tribuna.....	59
Fotografia 31 - Recolhimento dos objetos sagrados para Encerramento da Tribuna.....	60
Fotografia 32 - Recolhimento dos objetos sagrados para Encerramento da Tribuna.....	60
Fotografia 33 - Recolhimento dos objetos sagrados para Encerramento da Tribuna.....	60
Fotografia 34 - Recolhimento dos objetos sagrados para Encerramento da Tribuna.....	60
Fotografia 35 - Recolhimento dos objetos sagrados para Encerramento da Tribuna.....	60

Sumário

INTRODUÇÃO.....	9
1. CAIXEIRAS DO DIVINO: A TRADICIONAL PERFORMANCE SAGRADA.....	12
2. A PRESENÇA DO SINCRETISMO NA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO ..	15
3. O SAGRADO E O PROFANO NA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO	18
4. POESIA	20
5. A CIDADE MARANHENSE DE PAÇO DO LUMIAR.....	29
CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS	33
APÊNDICE A.....	35
Depoimento da caixeira da Casa de Dona Zica, Dona Genésia.....	35
APÊNDICE B.....	36
Depoimento da caixeira da Casa de Dona Zica, Dona Binoca.....	36
APÊNDICE C.....	37
Fotografias da Festa na Casa de Dona Zica.....	37
APÊNDICE D.....	42
Etapas da Festa do Divino Espírito Santo.....	42

INTRODUÇÃO

O medievalista, escritor e estudioso dos fenômenos da voz no âmbito da história, da antropologia, da cultura e dos estudos literários, Paul Zumthor (1987), em sua importante obra *A letra e a voz*, afirma que “a tradição, o costume é o meio e a medida do homem, mas também o meio e a medida da poesia. A voz dos portadores de poesia não cessa (como voz mesmo e o que quer que ela diga) de proclamar essa identidade” (p. 149,150). Observamos que é dessa forma que o povo maranhense dá continuidade e perpetua de forma cultural, poética e identitária, seus costumes e tradições. São as Caixeiras do Divino Espírito Santo as grandes portadoras e transmissoras dessa rica manifestação popular.

A Festa do Divino Espírito Santo é uma das mais antigas e difundidas tradições do catolicismo popular brasileiro. A origem dos festejos está ligada a data do Pentecostes celebrada cinquenta dias depois da Páscoa. Para o calendário dos hebreus, a data marcava o fim das colheitas do trigo e o momento de festejar e agradecer pelas boas safras. Segundo a crença católica no Novo Testamento, essa mesma data marca o dia em que o Espírito Santo teria se manifestado nos apóstolos que passaram a pregar a palavra divina em diversos idiomas diferentes. Em Portugal, o estabelecimento da Festa do Divino ocorreu ao longo do século XIII, quando a celebração foi instituída, sob a influência de costumes pagãos, pela Rainha D. Isabel, esposa de D. Dinis (1271-1336), canonizada em 1625 como Santa Isabel de Portugal.

Conta-se que a então rainha portuguesa determinou que, durante a festa, fosse coroado rei um menino, alimentos fossem distribuídos entre os mais humildes e alguns presos fossem soltos. Tudo isso ocorreria porque o Divino iria imperar e cair sobre todos e a terra então viveria em fartura e perdão. A festa simboliza, dessa forma, o começo de uma nova era marcada pela prosperidade, bondade, igualdade, fraternidade e outros valores cristãos. Desse modo, a coroa do Divino seria o símbolo de autoridade celeste e o elemento que influiria em todos os folguedos brasileiros com personagens coroados – Reisados, Congos, Congadas, Maracatus etc.

A tradição da Festa foi trazida ao Brasil pelos portugueses no século XVI, onde granjeou as simpatias de brancos e escravos e adquiriu características específicas e locais. Hoje, a festa é comemorada, geralmente, em maio, junho ou novembro e não está, necessariamente, atrelada à data do Pentecostes. Como não era uma festa oficial do calendário cristão e, portanto, não havia sobre ela o controle rígido da Igreja, a comemoração adquiriu feições e características

populares. Isso resultou no contraste entre momentos sagrados e profanos distribuídos ao longo das festividades.

A Festa do Divino é celebrada de norte a sul do país, em cidades como Pirenópolis (GO), Mogi das Cruzes e São Luiz do Paraitinga (SP), São João del-Rei (MG), Poções (BA), São Luís (MA), entre muitas outras. Os festejos duram cerca de 15 dias, em meio a alvoradas, rezas, cortejos, missas, danças e apresentações musicais de grupos tradicionais.

O rico simbolismo da Festa do Divino é expresso através de objetos de liturgia, vestimentas, ornamentos e adereços. O pombo, representado quase sempre no topo de um mastro e, às vezes, envolto em uma coroa em que são amarradas as fitas com promessas dos devotos, simboliza o Espírito Santo encarnado, elemento central da Festa. A coroa e o cetro são objetos que simbolizam o poder do Imperador, indivíduo responsável, ao lado de sua corte (a Imperatriz, o Mordomo Régio, a Mordoma Régia, o Mordomo Mor, a Mordoma Mor), por zelar pela festa e mobilizar as pessoas. A corte anda sempre acompanhada da Bandeira do Divino, que traz a cor vermelha e o pombo ao centro. O vermelho da bandeira remete ao fogo, forma pela qual o Espírito Santo se manifestou aos apóstolos.

É determinante, em abordagem inicial, compreender de forma resumida o conceito de cultura popular. De acordo com a Sociologia, essa modalidade de cultura é manifestada espontaneamente por meio do folclore, dos mitos, das lendas, da culinária, do artesanato e das músicas ou danças regionais. Observe que o Brasil é um gigante no que tange à extensão territorial e, por essa razão, cada uma das cinco regiões geopolíticas apresenta sua cultura fracionada em diversas tradições regionais. Conseqüentemente, os brasileiros não se identificam com uma cultura una e nacional.

A historiadora Maria Michol, em seu trabalho "Roteiro da Festa do Divino Espírito Santo", diz que "a Cultura não tem pátria nem idade. E é a Cultura Popular a guardiã cuidadosa e fiel, o repositório magnífico de vivências milenares, de crenças, gestos, gostos, pensamentos e atitudes de muitas origens e de muitos povos, conservados pela tradição" (p. 5). De fato, cumprir rituais de veneração ao Divino Espírito Santo com devoção e fé admirável tem sido uma constante na terra maranhense. A Festa é tempo de caridade e de pagamento de promessas, além de socialização da alegria que reina durante os festejos dirigidos ao Divino Espírito Santo.

O antropólogo e etnógrafo Pierre Clastres (1990), em sua obra *A Fala Sagrada*, diz:

As Belas Palavras: assim os índios guarani denominam as palavras que lhes servem para se dirigir a seus deuses. Bela linguagem, fala sagrada, agradável ao ouvido dos divinos, que as consideram dignas de si. Rigor de sua beleza na boca dos sacerdotes inspirados que as pronunciam; embriaguez de sua grandeza no coração dos homens e das mulheres que os escutam (CLASTRES, 1990, p. 9).

Essa perspectiva vai ao encontro da devoção, admiração e respeito com os quais o povo maranhense cultua o Divino Espírito Santo. Observamos isso, sobretudo, na fala sagrada e nos cantos sagrados entoados pelas Caixeiras. Esses cantos e falas seguem o ritmo do ruflar das caixas e apresentam a suntuosa beleza da linguagem simples. Eles exprimem uma formidável improvisação de versos rimados. Ao recitar da poesia em sintonia com a movência de seus corpos, os cantos e falas sagradas criam uma concepção de performance e um metaconhecimento poético. Eles trazem a todos presentes um deleite inimaginável em um ritual sagrado marcado pela profunda sincretização da fé, dirigido ao Divino Espírito Santo uno e trino, inseparável de Jesus Cristo na Santíssima Trindade.

1. CAIXEIRAS DO DIVINO: A TRADICIONAL PERFORMANCE SAGRADA

As Caixeiras do Divino são senhoras devotas que, em sua linguagem simples, cantam, tocam caixa e acompanham todas as etapas da cerimônia. Em sua maioria, são mulheres negras e de pouco poder aquisitivo. Mesmo sem possuir estudos de conhecimento poético, musical ou instrumental ou uma linguagem culta ou requintada, as simples Caixeiras do Divino difundiram e perpetuaram a tradição da festa maranhense. São elas as portadoras de uma rica tradição, elas pontuam cada uma das etapas de uma festa que é vasta e variada. As caixeiras possuem o dom do improviso e uma técnica admirável nas rimas de cada verso que entoam em sincronia com o ruflar de suas caixas e em performance extraordinária de canto e dança. Performance que constrói de forma simples e graciosa uma verdadeira e formidável obra de arte.

De fato, isso que observamos vai ao encontro da linha de pensamento de Zumthor (1987) quando diz:

o canto mais que o dizer, amplia a zona de recepção das frases que ele traz - até além das fronteiras da incompreensão e confirmados pelos instrumentos que transmitem-se e viajam sem que intervenha necessariamente a natureza da linguagem formalizada (ZUMTHOR, 1987, p.151).

Segundo a pesquisadora e mestre em Cultura e Territorialidade Marcelle Rocha (2019), em seu artigo *Caixeiras do Divino e sua inter-relação com o sagrado*, a performance que as Caixeiras do Divino desempenham possui não somente um domínio artístico, mas também — e muito fortemente — um domínio da cultura. Isso porque sua performance recobre um aspecto étnico e intelectual, histórico, estético e ritual, sociológico e político (p. 6).

Rocha (2019) ressalta ainda que a performance incorpora aspectos individuais e sociais, sendo o artista sujeito e objeto de sua arte. Para ela, há duas conotações para a performance, uma que indica uma presença física e outra que indica um espetáculo — no sentido de algo para ser visto. Os performers, por vezes, costumam utilizar o próprio corpo tanto para exaltar suas qualidades plásticas quanto para medir sua resistência e energia. Além disso, mesmo com essa ligação direta com o corpo, a performance, ainda assim, mantém conexões com o social (p. 6). Desse modo, apesar de as Caixeiras não se autodenominarem artistas, o trabalho que elas desempenham com sua gestualidade, danças e cânticos, ficando horas em pé a tocar caixa, faz delas sujeito e objeto de sua própria arte. Arte que se traduz como uma espécie de ritual de evocação ao Divino.

Quanto à performance, a professora e teórica Jerusa Pires Ferreira (2007) afirma, em seu artigo *O universo conceitual de Paul Zumthor*, que "a performance e o conhecimento daquilo que se transmite estão ligados. Ela não é simplesmente um meio de comunicação, comunicando ela o marca" (p. 147). Com efeito, a performance das Caixeiras do Divino opera sob a tríade do conhecimento arte-corpo-comunicação. Em outras palavras, na festa, as Caixeiras são protagonistas, são sujeitos. São elas que desempenham de forma artística o canto e o marcam através da dança de seus corpos em comunicação com o ritmo de suas caixas, construindo, assim, admirável conhecimento na construção e transmissão da performance.

São as Caixeiras as responsáveis por transmitir e propagar o ensinamento de toques de caixa e de dança para as próximas gerações, além de realizar todo o ritual sagrado da Festa do Divino Espírito Santo. Verifica-se, portanto, que a expressão artística das Caixeiras do Divino ocorre no diálogo entre o espaço cênico e os elementos significantes de uma sagração simbólica — objetos, vestimentas, crianças representando o Império e a performance das devotas que cantam e dançam para o Divino.

Segundo Rocha (2019), na performance das Caixeiras, o corpo se faz como escultura viva, pois deixa antever que estas senhoras que tocam caixa há tantos anos são a arte em si mesmas. A performance permite aos devotos contemplarem sua força e sua energia. Desse modo, é exatamente por meio das performances que se inicia o espaço-tempo do Divino (p. 10).

Como já mencionado, a Festa do Divino é uma celebração tradicional do calendário cristão que tem início 50 dias após a Páscoa. Todo o ritual que envolve a Festa chega a durar 15 dias e está dividido em quatro etapas que englobam, em geral, a Abertura da Tribuna, o Levantamento do Mastro, Pentecoste e a Derrubada do Mastro (quando acontece, também, o Fechamento da Tribuna). No Fechamento da Tribuna, ocorre o ritual de transferência de títulos e ornamentos para o Império do ano seguinte. Confirma-se, assim, que a Festa compreende o tempo em movimento, representando o presente e o futuro. Ela transmite aos seus devotos o significado de constante transformação e adaptação a que todos os indivíduos estão sujeitos, mesmo o Império.

O processo de formação de uma Caixeira é lento, pois as cerimônias da Festa do Divino Espírito Santo são muito complexas e detalhadas. Esse fato se reflete na existência de uma hierarquia entre as Caixeiras, estabelecida de acordo com os anos de experiência e, principalmente, com o grau de conhecimento sobre a Festa. Assim, cada grupo de Caixeiras

possui uma *caixeira-régia* que deve conhecer em profundidade todas as etapas e detalhes da Festa. Afinal, é a caixeira-régia quem comanda as outras Caixeiras e tem plenos poderes sobre tudo que acontece no salão (Tribuna).

Apesar da responsabilidade atribuída às Caixeiras na Festa do Divino, a remuneração recebida por elas é bastante limitada ou mesmo inexistente. Ser Caixeira é um compromisso religioso ligado à devoção ao Espírito Santo, por isso não se deve esperar nenhum retorno financeiro nem benefícios materiais pela função. Esse fato não modifica em nada o senso de responsabilidade e compromisso das Caixeiras para com a Festa. Pelo contrário, evidencia ainda mais a dedicação e a fé que elas depositam no Divino Espírito Santo.

Os grupos de Caixeiras vão construindo-se por laços de parentesco e de amizade. Alguns reúnem até três gerações de uma mesma família, outros podem unir velhas amigas, dançantes de um mesmo terreiro de Tambor de Mina ou simpatizantes da Festa. Um aspecto bastante importante a se observar nas Caixeiras é sua religiosidade afro-maranhense. Muitas delas pertencem a terreiros de Tambor de Mina e tocam caixa como parte de suas obrigações para algum encantado (assim é chamado no Maranhão uma entidade espiritual) que seja devoto do Divino. Além disso, a Festa do Divino é um dos poucos rituais no qual quem toca são as mulheres (como já mencionado acima, no Maranhão a Festa está associada aos terreiros e, geralmente, nos terreiros, os instrumentos são tocados por homens). Daí essa ser mais uma das singularidades das Caixeiras no âmbito da Festa do Divino Espírito Santo.

2. A PRESENÇA DO SINCRETISMO NA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

De acordo com o professor e antropólogo Sérgio Ferretti (2017), em seu artigo *Sincretismo e Religião na Festa do Divino*, as festas populares e as manifestações folclóricas refletem, de modo geral, a presença do sincretismo nas religiões populares. Considera-se, entretanto, que as religiões populares ultrapassam o conteúdo do folclore. Existem, nas práticas religiosas afro-brasileiras, componentes especificamente religiosos distintos do folclore e das festas. Podemos indicar, entre outros, o respeito por seres, por lugares, por objetos, pelos mais velhos, os cânticos e palavras sagradas, os gestos, os rituais e a observação de cerimônias litúrgicas minuciosas e complexas (p. 3).

Ferretti (2017) aponta que o sincretismo é considerado como elemento essencial de todas as formas de religião. Ele está muito presente na religiosidade popular, nas procissões, nas comemorações dos santos, nas diversas formas de pagamento de promessas, nas festas populares em geral, assim como em diversos elementos da religião oficial como, por exemplo, no Catolicismo. Constata que o sincretismo constitui uma das características centrais das festas religiosas populares. Nas religiões afro-brasileiras, o sincretismo é uma forma de relacionar o africano com o brasileiro, de fazer alianças – a exemplo do que o negro escravizado aprendeu na senzala e nos quilombos para não se transformar totalmente naquilo que o senhor desejava (p. 4).

Apesar de ser uma expressão da fé folclórica, a Festa é uma genuína demonstração da crença popular a se espalhar por todos os que têm o mesmo pensamento, envolvimento, cultura e busca. Ela vem sendo perpetuada por laços familiares, por relacionamentos de amizade ou por consagração pessoal. Um exemplo deste último caso é o que acontece na casa de Dona Zica, cuja festa tem origem no pagamento de promessa feita pela matriarca da família Ferreira Melo (mãe de Dona Zica) há mais de um século. A Festa segue até hoje sendo preservada de geração em geração. Hoje, ela é realizada pelos filhos de Dona Zica: Genésia Divina, Maria Lúcia, Maria do Espírito Santo e Paulino Ferreira Melo; confirmando, assim, a preservação da tradição e o respeito aos antepassados da família, e, sobretudo, ao Divino Espírito Santo.

Embora, nos idos passados, durante a colonização no século XVI, não se pudesse descartar aquilo que vinha de um grupo dominante, mesmo assim, pouco se conseguiu descaracterizar a cultura popular trazida das raízes ancestrais. Na ocasião, houve a condução do pensamento para a coordenação ou junção dos estilos trazidos de várias culturas na intenção de

fazer preponderar a fé e encontrar um fim comum. Mesmo a regionalização de um país tão grande, ainda que estimule diferenças locais, não exterminou a cultura da fé sincrética.

Ferreti (2017) enfatiza que a festa do Divino Espírito Santo é um ritual do catolicismo popular que, como o carnaval, o bumba-meu-boi e outras festas populares, possui características específicas em diferentes regiões. Porém, mais do que outras manifestações populares, a Festa do Divino é realizada por questão de promessa e de fé sendo, portanto, essencialmente, uma festa religiosa. Além disso, enquanto na maior parte do país essa festa é um ritual do Catolicismo popular, no Maranhão, embora vinculada ao catolicismo, ela possui peculiaridades que a distinguem dele. Primeiro, a presença marcante de mulheres, que são as principais organizadoras dos terreiros de Tambor de Mina e das festas do Divino. Outra diferença que ocorre, principalmente em São Luís, é o fato de a Festa estar incluída no calendário religioso dos terreiros de Tambor de Mina ou casas de cultos afro-maranhenses (p. 4).

Para melhor entendimento sobre o termo Tambor de Mina, Sérgio Ferretti (2013), em seu livro *Repensando o Sincretismo*, esclarece que:

Tambor de mina é o nome usado no Maranhão para a religião popular de origem africana da qual participam principalmente negros. O tambor de mina tem muitos vínculos com o catolicismo, o espiritismo kardecista, religiões ameríndias e com práticas de outras procedências (FERRETTI, 2013, p.15).

Ainda segundo Ferretti (2013), “no Maranhão é comum a realização de festas do Divino Espírito Santo nos terreiros de tambor de mina. Trata-se de um ritual do catolicismo popular, largamente difundido no Brasil e comemorado nas diferentes regiões do país” (p.187). O autor enfatiza que:

É uma festa com grande pompa, acompanhada por outras comemorações da casa, quando se festeja uma entidade importante, ou aniversário do terreiro. Faz parte da chamada ‘Festa Grande’, a maior festa anual. Às vezes é realizada junto com outras manifestações folclóricas locais, como o tambor de crioula ou bumba meu boi. Geralmente é uma obrigação em homenagem a uma entidade sobrenatural, que é nobre ou o dono da casa. Esta entidade tem devoção pelo Divino e pede que se organize a festa em sua homenagem” (FERRETTI, 2013, p.188).

Logo, o corpo, que é o veículo pelo qual acontecem todas as formas de expressão do ser humano, sendo a voz a expressão do interior e o movimento corporal a expressão exterior e perceptível sobre o que ocorre no contexto geral, faz entrosamento entre o visível e o invisível. Ele forma a cadência entre as duas partes para que aconteça o ritual da vida no momento festivo e na circunstância apresentada. Pelo profundo sincretismo presente na Festa, pelo encontro de religiões diversas, algumas Caixeiras que também são filhas de santo podem entrar em transe

com seus encantados em algum momento do ritual. Sobretudo, quando as músicas cantadas pelas Caixeiras fazem referência à alguma entidade sincretizada em algum santo da igreja católica no relacionamento sincrético.

3. O SAGRADO E O PROFANO NA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

De acordo com Mircea Eliade (1992), em sua obra *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*, o sagrado se manifesta quando:

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano [...] Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo “de ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano” (ELIADE, 1992, p. 13).

Nessa mesma perspectiva, a pesquisadora em Desenvolvimento Regional, Poliana Macedo de Souza (2017), na obra *A festa do divino Espírito Santo: memória e religiosidade em Natividade-Tocantins*, diz que, apesar das evoluções e modificações que acontecem até hoje, essas práticas (sagradas e profanas) fizeram parte dos inúmeros processos de transformações culturais e religiosas que estão incorporadas aos calendários, costumes, enfim, ao cotidiano. São essas práticas que vêm do passado, repletas de significados locais, regionais, nacionais e, até mesmo, internacionais, que servem de base para a construção e apropriação de novas culturas e valores de toda uma sociedade (p. 35,36).

Da tradição à antiguidade, as festas sempre povoaram o imaginário e as representações das sociedades humanas. Elas têm um caráter de ambiguidade entre o bem e o mal, a vida e a morte. Elas são uma fuga da cotidianidade em que se extrapolam todos os limites, seja por exagero das emoções, seja pelo desejo da aproximação da realidade com a ficção criada pela sociedade humana.

Ainda segundo Souza (2017), as festas são manifestações a que estão associadas essas dualidades – o mundo real da vida e o mundo ficcional do imaginário simbólico, do disforme da natureza e das experiências oníricas que sempre fizeram parte das nossas histórias de encantados no mundo da infância e que chegam à vida adulta mais próximas da racionalidade. É a hibridação de tudo isso que dá a tônica à cultura popular no mundo globalizado pelos meios de comunicação e pelos novos interesses de consumo de bens culturais. As festas que apresentavam conotações religiosas estavam focadas na ideia da divinação do ato de ação de graças aos deuses (que eram, então, considerados pagãos pela fé cristã) em uma “referência direta aos cultos politeístas de diversas sociedades, tanto da antiguidade, como de outras temporalidades e espacialidades (p. 37).

Sousa (2017) enfatiza ainda que nem sempre é fácil delimitar o espaço do sagrado e do profano quando se analisam as festas, pois ambos se misturam e se entrelaçam constantemente. O ritual da festa provoca momentos de sociabilização necessários para as pessoas; faz com que os indivíduos saiam da rotina e vivam algo singular e diferente do seu ritmo de vida, algo que se torna um triunfo sobre valores estabelecidos. Os espaços sagrados e profanos que norteiam essas festas, principalmente as festas religiosas na presença do sagrado, com suas crenças, símbolos e ritos coletivos, conservam e reforçam as ideias e sentimentos coletivos da própria sociedade na relação homem, religião e natureza. Afinal, o profano tem que existir para se relacionar com o sagrado, ou seja, justificar o porquê do sagrado nas festividades (p. 37).

Nesse contexto, Rocha (2019) explica que todos esses fenômenos que significam a passagem do espaço profano ao sagrado – limiares, portões, pontes, caminhos, escadas, cordas e outros – atestam uma inscrição do sagrado em um nível de experiência sob essa linguagem. O mesmo pode ser dito do tempo, que dispensa qualquer tipo de linguagem pré-verbal e dá início a um *tempus* que é heterogêneo, pois cria uma cisão no tempo dos homens para dar início ao tempo divino. O ritual da Festa interrompe, não só o tempo profano como, também, o espaço, promovendo um período em que os devotos se aproximam dos deuses e a eficácia do ser se revela dentro da densidade do tempo (p. 10).

Seguindo essa linha de pensamento, verifica-se que, embora os rituais aconteçam na parte externa e na parte interna da Tribuna (salão), a frente da casa onde o Mastro é erguido guarda sua validade como templo do Divino, fazendo a transição do espaço profano ao espaço sagrado. A partir do momento em que as Caixeiras tocando suas caixas e cantando para o Divino saem desse espaço profano e adentram a Tribuna, elas fazem a tradução do simbolismo do sagrado, atestando dessa forma, a eficácia do ritual.

Nas palavras de Rocha (2019) “o sagrado manifesta-se por meio de signos e comportamentos significativos” (p. 10). Desse modo, parte das manifestações, sobretudo o modo de agir dos devotos, do Império e das Caixeiras – as roupas utilizadas, o cuidado na reverência aos símbolos do Divino (inclusive sua coroa), a hierarquia, as danças, os cânticos, os sinais de devoção – refletem a natureza desse sagrado cujas permutas e mudanças de nível sucedem-se a todo momento.

4. POESIA

Dissertar sobre a poesia no cântico das Caixeiros primeiro nos remete ao sentido da palavra poesia propriamente dita. Poesia não pode ser dissociada de Literatura. Por isso, podemos abordar o que vem a ser Literatura na construção da poesia como um gênero pertencente ao contexto literário poético. Afinal, a canção, objeto desse estudo, é elemento intrínseco ao gênero poético.

Segundo Aristóteles (2003), Literatura seria uma imitação ou representação da realidade mediante a linguagem (p. 23). A Literatura comunica, através de uma linguagem natural e bela e com profundidade, a natureza, a beleza, a vida. Ela faz isso tocando a alma humana com palavras que conseguem trazer ao imaginário uma realidade vista sob ótica romântica. Em outras palavras, ela ameniza as agruras e o comum transformando a visão em algo surreal e perceptível de forma subjetiva.

Essa visão artística, poética e variável presente na Literatura nos permite ver nas Caixeiros do Divino Espírito Santo sua expressão enquanto artistas a inventar suas cantigas desvinculando-se dos padrões convencionais da língua. Suas cantigas são permeadas por elementos de seu cotidiano, de sua realidade social e cultural. Essa característica confere maior expressividade e beleza às cantigas, pois cantadas assim, em linguagem natural, provocam emoção em um jogo de arte construída pelas palavras.

Nesta perspectiva, o linguista e pensador Roman Jakobson (2007), em sua obra *Linguística, Poética, Cinema*, aponta que:

a variabilidade dos sentidos, seus múltiplos deslocamentos figurativos de longo alcance, e a incalculável aptidão para múltiplas paráfrases são justamente as propriedades da linguagem natural que induzem sua criatividade e dotam não apenas as atividades poéticas, mas até as científicas, de contínuo ímpeto inventivo. Aqui, indefinição e poder criativo afiguram-se como inteiramente interconectados. A linguagem natural oferece poderoso e indispensável suporte para "habilidade de inventar problemas, a capacidade para o pensamento imaginativo ou criativo", um dom encarado pelo explorador da evolução humana como a mais significativa característica da inteligência (JAKOBSON, 2007, p. 17)

Dessa forma, saindo do contexto científico e abordando o canto popular poético, vamos ao encontro da linha de pensamento do teórico. Pois, percebe-se, de fato, nas Caixeiros do Divino Espírito Santo, a capacidade inata do pensamento imaginativo e criativo de desenvolver o canto poético dentro da métrica e rima sem que haja conhecimento e estudo prévio, apenas pelo aprendizado oral propagado e aptidão natural. Há um desenvolvimento inconsciente da

forma culta que atinge eficientemente aquilo para que o canto se propõe: cantar a fé e a cultura local emaranhando o velho e o novo e trazendo à luz a necessidade de manter a forma cultural dentro do sincretismo religioso. Há um espetáculo teatral em que o sagrado e o profano caminham harmoniosamente construindo e preservando secularmente a tradição local.

A música, o canto, é um veículo para a expressão da fé e das características do emocional humano, com suas escolhas que podem ser vistas claramente pelo tipo de ritmo, instrumentos e velocidade, na intenção de expressar aquilo que é intrínseco a determinado grupo. É isso que as Caixeiros do Divino reproduzem de forma emotiva e única, elas constroem de maneira inconsciente uma estética própria da oralidade.

Além disso, a musicalidade é uma característica intrínseca ao emocional das pessoas. A música tem a capacidade de tocar o profundo da alma e, embora nem todos desenvolvam esse dom, algumas pessoas têm dentro de si essas características, do ritmo, do canto e da cadência – daí a musicalidade ir se disseminando por gerações, evitando a morte da cultura popular. É essa feliz e extraordinária capacidade que possuem as Caixeiros do Divino Espírito Santo, a de expressar, através em uma formidável linguagem cantada, do ritmo e da dança, em um ritual repleto de emoção, simbologia e fé, um inigualável e místico deleite aos ouvidos do povo maranhense.

Jakobson (2007) afirma que a linguagem deve ser estudada em toda a variedade de suas funções (p.122). Antes de discutir a função poética, devemos definir seu lugar entre as outras funções da linguagem. Em todo ato de comunicação verbal, o *remetente* envia uma *mensagem* ao *destinatário*. Para ser eficaz, a mensagem requer um *contexto* a que se refere, ou "*referente*", (apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização) e um *código*, total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário, que os capacite a ambos a entrarem e permanecerem em comunicação.

Nessa perspectiva, verifica-se o importante ato de comunicação existente entre as Caixeiros. Uma vez que a mensagem trazida em cada verso cantado por uma Caixeira é imediatamente respondido por uma outra. Comunicação que demonstra a sagaz e inteligente capacidade de improvisar versos rimados para responder a qualquer situação imprevista. Confirma-se, assim, a eficácia de um código que, de fato, é comum na comunicação entre as Caixeiros.

Além disso, observamos que esse código é expresso em uma linguagem improvisada, repleta de bom humor, rapidez, raciocínio e, sobretudo, marcada pela emoção. Dessa forma, o caráter fortemente emotivo visto no canto poético das Caixeiras pode ser facilmente entendido na função que Jakobson (2007) chama de Função Emotiva:

A chamada função EMOTIVA ou "expressiva", centrada no Remetente, visa a uma expressão direta da atitude de quem fala em relação àquilo de que está falando. Tende a suscitar a impressão de uma certa emoção, verdadeira ou simulada; por isso, o termo "função emotiva" demonstrou ser preferível a "emocional" (JAKOBSON, 2007, p. 123, 124).

É nesse ambiente de musicalidade, ritmo, canto e cadência e com uma linguagem repleta de fé, devoção, emoção, conhecimento e improvisação que a oralidade se fixa como principal ferramenta para a disseminação da poesia cantada pelas Caixeiras do Divino Espírito Santo. Fato que pode ser confirmado na cantiga a seguir:

EU VOU LEVAR MINHA BANDEIRA

(Caixeira Dona Maria Rosa)

Eu vou, eu vou levar minha bandeira

Do Divino Espírito Santo

Da coroa verdadeira

Quando cheguei nesse mundo

Me entregaram pro Divino

Tu vai viver neste mundo

Tocar caixa é teu destino

Pacheco, Gouveia e Abreu (2005) afirmam que:

Como em muitas outras manifestações da música tradicional brasileira, na Festa do Divino no Maranhão é comum o canto a duas ou mais vozes simultâneas. Uma Caixeira pode fazer uma segunda voz mais aguda do que a voz principal" (PACHECO, GOUVEIA & ABREU, 2005, p. 44)

Isso pôde ser visto na cantiga *Lá no céu tem sete estrelas* que transcrevemos a seguir:

LÁ NO CÉU TEM SETE ESTRELAS

(Grupo de Caixeiras da Casa Das Minas)

Gente vamos para o céu
Que os anjos vão nos levando
Não me lembro de mais nada
Só de Deus vou me lembrando

Refrão: Lá no céu tem sete estrelas
Que alumeia o meio do mar
Nós somos filhos de Deus
Nós devemos adorar

Fui no céu contar estrela
Na ponta de uma espada
Quando eu cheguei no cruzeiro
Já era de madrugada

Já era de madrugada
Todos anos á dormia
Encontrei Nossa Senhora
Rezando Ave Maria

Encontrei Nossa Senhora
Rezando Ave Maria
As contas do seu rosário
São balas de artilharia

Eu olhando para o céu
Uma estrela brilhou
É o Divino Espírito Santo
Abençoando os pescadores

Vamo-nos embora rosa
 Deixa ficar a roseira
 Rosa vai e rosa fica
 Rosa é nossa companheira

Pacheco, Gouveia & Abreu (2005) apontam ainda que, a segunda voz mais comum, contudo, não é cantada acima da melodia principal, mas abaixo e, por isso, é chamada de baixão (p. 44). O baixão é muito apreciado pelas Caixeiras e, embora nem todas sejam capazes de cantá-lo, algumas se tornam especialistas nele. Fato que pudemos observar na performance da cantiga *Abertura da Tribuna* que transcrevemos abaixo:

ABERTURA DA TRIBUNA
 (Grupo de Caixeiras de Dona Zica)

Na igreja da matriz
 Três pancadas deu o sino
 Agora tamos abrindo
 A tribuna do Divino
 Na igreja do Senhor
 Os anjos do céu se ouviu
 Os anjos bateram palma
 Quando a tribuna abriu

Quando a tribuna abriu
 Na igreja deu sina
 Avisando seu festeiro
 Que a festa vai começar

Graças a Deus o Senhor
 Bom Jesus de Nazaré
 Terminamos de abrir

Tribuna da Boa Fé

Graças a Deus o Senhor

Graças a Deus a Jesus

Tribuna da Boa Fé

Tá no pé da Santa Cruz

Em muitos casos, a melodia principal de cada cantiga pode apresentar diversas variações, como tivemos visto na cantiga *Aurora de Deus* que também transcrevemos:

AURORA DE DEUS

(Dona Celeste)

Refrão:

Aurora de Deus, senhora, aurora de Deus

Aurora de Deus, senhora, aurora de Deus

Minha amiga folioa, aurora de Deus

Como está, como passou, Deus, Deus, Deus

Como está sua família, aurora de Deus

Que a minha ao ficou, Deus, Deus, Deus

Não vim ontem, nem antontem, aurora de Deus

Só vim hoje porque pude, Deus, Deus, Deus

Eu não vim, mas eu mandei, aurora de Deus

Saber da sua saúde, Deus, Deus, Deus

Segundo Pacheco, Gouveia & Abreu (2005), as cantigas do Divino são, em geral, formadas por um refrão ou estribilho cantado em coro por todas as Caixeiras e por versos cantados por uma Caixeira a cada vez (p. 45). A forma poética usada com mais frequência nas cantigas do Divino é a *quadrinha*, ou *quarteto*, muito comum na poesia popular brasileira. A quadrinha é formada por quatro versos de sete sílabas cada, rimando o segundo verso com o quarto. Esses quatro versos podem ser cantados de uma vez só – o que pudemos verificar na

cantiga transcrita anteriormente, “*Lá no céu tem sete estrelas*” – ou podem ser intercalados com o refrão de diversas formas – como observamos na performance da cantiga “*Dança das Caixeiras*” transcrita a seguir:

DANÇA DAS CAIXEIRAS

(Grupo de Caixeiras da Casa de Nagô)

Caixeira Maria Correia:

Dança, dança, folioa

Eu gosto de ver dançar

Dança para alegrar

O Divino celestial

Caixeira Sebastiana:

Menina que está dançando

Passa a mão no teu cabelo

Que do céu já vem caindo

Pinguinho de água de cheiro

Caixeira Maria Rosa:

Caixeira que está dançando

Dança bem não dança mal

O defeito que ela tem

De dançar não me puxar

Caixeira Marcelina:

Caixeira que está dançando

Não me pisa no meu pé

Eu não quero ser chamada

No limbambo de mulher

Caixeira Luzia:

Sapateia, sapateia

Sapateia no tijolo

Na barra do teu vestido

Brilha prata, brilha ouro

Caixeira Maria Correia:

Vamos por aí andando

Ao redor desta beleza

Pela forte luz do sol

Jesus com sua grandeza

Caixeira Sebastiana:

Vamos por aí andando

Ao redor desta beleza

Quem quiser trocar eu troco

Alegria com tristeza

Caixeira Maria Rosa:

Alegria com tristeza

Não há quem queira trocar

Alegria me faz rir

A tristeza me faz chorar

Caixeira Marcelina:

Eu não tenho alegria

Tristeza comigo mora

Quando encontrar a alegria

Botarei tristeza fora

Caixeira Luzia:

Minha amiga folioa

Eu vou cantar do começo

Alegria eu tenho muito

A tristeza eu desconheço

Assim, verificamos que conhecer Literatura, as escolas literárias, as regras de construção literária, os gêneros, não faz de alguém um poeta. Esse tipo de conhecimento não confere a alguém a capacidade de desenvolver ritmo, cadência e oralidade, menos ainda predisposição inata. Fato que nos leva a exaltar a simplicidade das Caixeiras da Festa do Divino Espírito Santo que conseguem compor por aprendizado baseado na fé, devoção, vontade e condição própria, versos e rimas improvisadas, no campo musical, místico e sincrético. Em seus papéis, cantam uma poesia em versos simples e inigualáveis através da linguagem marcada pela fé e emoção. Sua música leva o povo maranhense, em particular do povoado de Pindoba, a um encantamento e contemplação da beleza de uma cultura que se firma ímpar e secular.

Desse modo, confirma-se, com eficácia, que a capacidade humana em desenvolver suas aptidões é o que traz beleza ao contexto cultural. Se fossemos avaliar pelo conhecimento intelectual de oratória, pelo estudo formal, consideraríamos que essas pessoas não são capazes desses feitos: ter tamanha facilidade no encontro de palavras que descrevem tão perfeitamente a fé e a adoração, introduzi-las no ritmo das caixas ou levar musicalidade própria para os eventos. Ainda assim, são essas pessoas e esses feitos que movimentam uma grande massa na mesma direção do engrandecimento da fé nos encantados e na cultura local. Essa capacidade reforça, mais uma vez, com exímia eficácia, a afirmação de Jakobson (2007):

A variabilidade dos sentidos, seus múltiplos deslocamentos figurativos de longo alcance, e a incalculável aptidão para múltiplas paráfrases são justamente as propriedades da linguagem natural que induzem sua criatividade e dotam não apenas as atividades poéticas, mas até as científicas, de contínuo ímpeto inventivo. Aqui, indefinição e poder criativo afiguram-se como inteiramente interconectados (JAKOBSON, 2007, p. 17)

5. A CIDADE MARANHENSE DE PAÇO DO LUMIAR

Paço do Lumiar é um pequeno município dentro da ilha de São Luís cujo gentílico é luminense. Ele tem sua origem histórica na fazenda de *Anindiba*, que pertencia aos padres jesuítas. A antiga *Anindiba* dos indígenas é o local onde foi instalada umas das primeiras missões da Companhia de Jesus, fundada pelo padre Luís Figueira. A ideia do governo colonial, nesse período, foi promover o desenvolvimento da povoação no local. Para esse fim, mandou para esse núcleo famílias indígenas e numerosos homens brancos que viviam nas proximidades.

Já em 1761, o Governador Joaquim de Melo e Póvoas deslocou-se para aquela povoação e elevou-a à categoria de vila com a denominação de Vila do Paço do Lumiar. O nome foi escolhido em razão de sua semelhança com uma localidade de idêntica denominação existente na Freguesia do Lumiar, nos arrabaldes de Lisboa, Portugal. Mas, foi em 07 de dezembro 1959, ao ser desmembrada do município de São José de Ribamar, que a então vila foi elevada à categoria de município pela Lei Estadual n.º 1.890 sob a denominação de Município de Paço do Lumiar.

Desse modo, a Vila do Paço do Lumiar entrou para história como uma das mais antigas localidades do Maranhão. Hoje, o município tem mais de 100 mil habitantes, mais exatamente, segundo informações da prefeitura, a população estimada no ano de 2019 foi de 122.197 habitantes. Porém, Paço do Lumiar é caracterizado por ser uma cidade dormitório. Assim, a maioria de seus habitantes trabalha em São Luís e volta à cidade apenas para o pernoite.

Geograficamente falando, Paço do Lumiar foi criado a partir do desmembramento do município de São José de Ribamar. Desde divisão territorial datada de 1º de julho de 1960, o município é constituído do distrito sede, sendo seus principais bairros o Maiobão, Maioba, Mocajituba, Iguaíba, Pindoba, Itapera e Porto do Mocajituba. A sede do município é uma área pacata, típica de interior. Além disso, a cidade possui grandes áreas verdes ainda não ocupadas por atividade humana. Como é cercado por rios e cursos d'água, muitos com influência das marés, como o rio Paciência, ocorre no município a presença de mangues. Esses mangues são fonte de renda para parte considerável da população que sobrevive do extrativismo.

Os principais pontos turístico-históricos de Paço do Lumiar estão ligados à ocupação jesuítica, à religiosidade e à produção artesanal dos luminenses. Em outras palavras, são de interesse turístico as diferentes igrejas, como a Igreja de Nossa Senhora da Luz (construída

pelos jesuítas), os sítios arqueológicos, e a arte e artesanato locais (como peças em renda, bordados, aplicações em tecidos, cestaria de palha, cerâmica, entre outros).

Por fim, em relação à cultura, falamos de um município de extraordinárias riquezas culturais. Além do artesanato, suas manifestações populares são representadas, principalmente, pelo Bumba-meu-boi, Tambor de Crioula, Tambor de Mina e a Festa do Divino Espírito Santo, além do Festival do Coco d'Água do bairro Iguaiába.

CONCLUSÃO

Concebemos a Festa do Divino Espírito Santo como parte da tradição cultural e secular do povo maranhense. Como festa pertencente ao repertório popular, o povo é o interprete de si mesmo, de seu passado e da sociedade em que vive. A Festa do Divino condensa e entrelaça crenças religiosas e sincréticas, acontecimentos históricos e ficcionais, diferentes concepções de tempo e espaço. É justamente assim que ela constrói uma espécie de poética identitária da vida social do povo maranhense. Poética contada através das alegorias de um espetáculo teatral entre o profano e o sagrado, impregnado de fé, devoção e emoção.

Os rituais sagrados fazem parte de nossas vidas desde o momento em que nascemos até o momento em que morremos; a sacralidade é algo muito presente em nosso cotidiano. É nesse ambiente permeado por fé e devoção que as Caixeiras fazem da Festa do Divino Espírito Santo um ritual grandioso, fazem dela o seu próprio existir. Os rituais das Caixeiras têm por finalidade, não somente glorificar ao Divino ou fazer promessas, mas, também, partilhar um mundo extrassensível através da partilha de momentos comuns e experiências compartilhadas.

A atuação das Caixeiras durante todo o ritual da Festa carregado pela devoção no Divino e seus encantados permite inferir que se trata de um sistema de performance que permite aos devotos experimentar um canal de comunicação com o sagrado. No ritual, são as Caixeiras o oráculo que detém conhecimento e que faz a ponte com o mundo místico e invisível. Essa ponte é feita através de todos os rituais performáticos de dança, de cântico, de reza, pela sacralização dos objetos da Festa (pomba, mastro, coroa, cetro) e pela transferência do título do Império atual para aqueles que o serão no ano seguinte. Esse fato confirma serem as Caixeiras as grandes guardiãs dos mistérios sagrados e divinos da Festa do Divino Espírito Santo.

Desse modo, a valorização da cultura popular é inserida no imaginário social que, por sua vez, é resgatado nas representações sociais sendo, por conseguinte, relacionada à identidade cultural local. A valorização das práticas culturais não deve estar restrita a apenas um determinado grupo de pessoas. As práticas culturais populares não devem ser vistas como apenas existentes sem, contudo, lhes darmos a credibilidade dada a outras formas de cultura. Nem podemos, ainda, valorizar sob a condição de que continuem somente em seu nascedouro de origem. Ao contrário, é necessário que existam iniciativas para o desenvolvimento de projetos e de políticas culturais que apoiem e enalteçam os verdadeiros fazedores de cultura, os artistas populares.

Assim, é na beleza da expressão máxima da fé que se percebe quão grandioso e deslumbrante é o culto ao Divino Espírito Santo em minha terra, em meu lugar, minha Pindoba, no espaço de convivência do meu povo. Espaço em que vislumbro uma poesia única e sem igual que sustenta a tradição identitária e secular da própria coletividade. Poesia que ocorre num incessante movimento sincrético de devoção e respeito ao Divino Espírito Santo, nos encantados e, sobretudo, na fé e na devoção de um povo – o povo maranhense.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Arte poética*. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret Ltda., 2003.
- CARVALHO, Maria Michol Pinho. *Roteiro da Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Alcântara - MA*. São Luís: Biblioteca Pública Benedito Leite, 1999.
- CLASTRES, Pierre. *A fala sagrada: mitos e cantos sagrados dos índios Guarani*. Trad. Níeia Adan Bonatti. Campinas: Papirus, 1990.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FERRETTI, Sérgio Figueiredo. *Repensando o Sincretismo*. São Paulo: Arché Editora, 2013.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística, Poética, Cinema*. São Paulo: Perspectiva S.A, 2007.
- SOUSA, Poliana Macedo. *A festa do divino Espírito Santo: memória e religiosidade em Natividade - Tocantins*. Porto Alegre: Editora Fi, 2017.
- ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz*. Trad. Amalio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- ROCHA, Marcelle Schleinstein. *Caixeiros do Divino Espírito Santo: Performance Feminina e sua inter-relação com o sagrado*. Revista e Cultura da Universidade Federal da Amazônia, Manaus, nº 16, p. 6-17. Jun, 2019.
- FERREIRA, Jerusa Pires. *O universo conceitual de Paul Zumthor*. Revista do IEB, São Paulo, nº 45, p. 141-152. Set, 2007.
- FERRETI, Sérgio Figueiredo. *Sincretismo e Religião na Festa do Divino*. 2017. Disponível em: <https://silo.tips/download/sincretismo-e-religiao-na-festa-do-divino-1>. Acesso em: Jan. 2020.
- PACHECO, Gustavo; GOUVEIA, Cláudia & ABREU, Maria Clara. *Caixeiros do Divino Espírito Santo de São Luís do Maranhão*. Rio de Janeiro: Associação Cultural Caburé, 2005.
- PREFEITURA DE PAÇO DO LUMIAR. *O município: dados do município*. Disponível em: <https://www.pacodolumiar.ma.gov.br/omunicipio.php>. Acesso em: jan. 2020.

MACEDO, Sousa. *A Festa do Divino Espírito Santo – memória e religiosidade em Natividade-Tocantins.* Disponível em:

file:///C:/Users/windows%2010%20fj/Documents/A%20festa%20do%20divino%20Espírito%20Santo%20-%20memória%20e%20religiosidade%20em%20Natividade-Tocantins.pdf.

Acesso em: ago, 2020.

RENDEIRO, Manuel. *Paço do Lumiar.* Disponível em:

http://lhs.unb.br/atlas/Pa%C3%A7o_do_Lumiar. Acesso em: set, 2020.

APÊNDICE A

Depoimento da caixeira da Casa de Dona Zica, Dona Genésia

Dona Genésia: Filha de Dona Zica, Genésia Divina (60 anos) cresceu participando de toda organização da Festa, inclusive vendo sua mãe e as demais caixeiras tocar caixa. Aos 33 anos, assumiu-se definitivamente como caixeira do Divino Espírito Santo. Trabalhou como professora primária da rede municipal de Pindoba - Paço do Lumiar. Ela diz:

– Tenho um orgulho muito grande de ser caixeira, é uma emoção muito grande cantar e tocar para o Divino. Toda a festa é bonita, mas o fechamento da Tribuna, iiichi, é lindo demais. Muita gente chora de emoção... Parece que todas aquelas que já se foram tão ali vendo a tribuna fechar. O cabelo do corpo arrepiá todo...

Fotografia 1 - Genésia Divina



Fonte: a autora

APÊNDICE B

Depoimento da caixeira da Casa de Dona Zica, Dona Binoca

Dona Binoca: Sobrinha de Dona Zica e filha da caixeira Dona Siroca, Dona Binoca como é conhecida (67 anos) também cresceu dentro da Festa do Divino, aprendendo com a mãe e as demais caixeiras todos os passos para se tornar uma grande caixeira. Começou a tocar caixa por volta dos 19 anos de idade e continua até hoje. Trabalhou como zeladora da rede municipal de Pindoba - Paço do Lumiar. Ela afirma:

– Tocar caixa para o Divino, pra mim, é uma honra. Onde tem festa do Divino e me chamam pra tocar eu vou. É uma emoção muito grande na hora que a gente chega da missa. É muita emoção... Parece que todas aquelas que já se foram tão tudo ali com a gente... É muito bonito demais...

Fotografia 2 - Bernardina Ferreira (Binoca)



Fonte: a autora

APÊNDICE C

Fotografias da festa na Casa de Dona Zica

Fotografia 3 – Dança e cântico das caixeiras no salão real (tribuna) após chegada da missa



Fonte: a autora

Fotografia 4 - Dança e cântico das caixeiras no salão real (tribuna) após chegada da missa



Fonte: a autora

Fotografia 5 – Reverência entre as caixeiras para assumir o lugar de dança (Umbigada).



Fonte: a autora

Fotografia 6 – Canto de agradecimento e pedido ao Divino Espírito Santo para que suba ao Céu (Fechamento da Tribuna).



Fonte: a autora

Fotografia 7 – Dança das caixeiras



Fonte: a autora

Fotografia 8 - Dança das Caixeiras



Fonte: a autora

Fotografia 9 – Canto de agradecimento ao padre pela celebração da missa e coroação do Império.



Fonte: a autora

Fotografia 10 – Império da Festa do Divino Espírito Santo no ano de 2019



Fonte: a autora

Fotografia 11 – Da esquerda para direita: Imperatriz Érica Maria nos anos de 2016 e 2017 em pagamento de promessa feita por sua tia, Dona Neinha.



Fonte: a autora

APÊNDICE D

Etapas da Festa do Divino Espírito Santo

Etapa 1: Abertura da Tribuna

Primeira grande etapa da Festa do Divino, a *Abertura da Tribuna* consiste em trazer para o salão principal da casa, ao som do toque das caixas, a pomba que representa o Espírito Santo, a coroa do Espírito Santo (chamada de *santa croa*), a bandeira real e as demais bandeirinhas. Nessa etapa, é necessária a presença de todas as crianças que compõem o Império, bem como dos padrinhos da tribuna, responsáveis pelas despesas com a decoração do salão.

A tribuna, o local onde se desenrola a Festa é um salão decorado no qual se destacam o altar com os símbolos do Divino e as cadeiras (chamadas de *trono*) em que ficam sentadas as crianças do Império. Os tronos são armados em forma de degraus, respeitando a hierarquia, ou seja, o imperador e a imperatriz ficam sentados acima do mordomo e da mordoma-régia que, por sua vez, sentam-se acima do mordomo e da mordoma-mor.

A data de Abertura da Tribuna varia de acordo com a data em que será realizada a Festa. No passado, a cerimônia de Abertura da Tribuna era sempre realizada no Domingo da Ressurreição (domingo de Páscoa). Hoje em dia, embora esse costume permaneça em diversas casas, muitos donos de festa, por razões econômicas, costumam abrir a tribuna em um período que varia de dez a quinze dias antes da Missa dos Impérios. Na casa de festa de Dona Zica, a Abertura da Tribuna é realizada no dia 21 de abril, visando sempre não se distanciar por completo do Domingo da Ressurreição, resistindo e seguindo, assim, 156 anos de tradição. A Festa em si é comemorada sempre no segundo domingo de novembro.

Na Abertura da Tribuna, a dona da Festa canta e as Caixeiras repetem versos falando da descida do Espírito Santo à Terra. Alguns dos magníficos versos cantados pela dona da Festa podem vistos a seguir:

Meu Divino Espírito Santo

Vem cansado de voar

Ele parou na porta

Na porta do tribunal

Vem chegando Espírito Santo

Voando daquela altura

Entrando no Tribunal

Para abrir sua Tribuna

Divino veio do céu

Voando sobre a floresta

Senhora caixeira-régia

Estou lhe entregando a festa

Esses primeiros versos são respondidos apenas pela Caixeira-régia que, a partir desse momento, recebe a função de comandar todo o restante do ritual junto das demais Caixeiras. A Caixeira-régia pede, então, que as demais Caixeiras toquem o Espírito Santo Dobrado e começa a fazer as primeiras evocações:

Meu Divino Espírito Santo

Que no tribunal chegou

Eu vou dar graças a Deus

Graças a Deus e louvor

Vinde meu senhor São Pedro

Que por vós estou chamando

Venha me abrir o salão

Do Divino Espírito Santo

Vinde meu Espírito Santo

Que por vós estou chamando

A tribuna está aberta

E por vós está esperando

Depois da Caixeira-régia, cada Caixeira canta um verso, como o seguinte abaixo:

Vinde meu Espírito Santo

Todo coberto de véu

Sua festa está começando

Venha descendo do céu

[...]

Desse modo, a Abertura da Tribuna é um momento de grande atenção e responsabilidade, pois, como as Caixeiras costumam dizer, uma tribuna bem aberta é sinal de festa abençoada e bonita. É o momento em que a Caixeira-régia deve mostrar toda sua habilidade em cantar e comandar as companheiras. É importante observar que os versos de abrir a tribuna (vistos acima) não são totalmente improvisados e obedecem a uma ordem: primeiro se canta invocando o Espírito Santo para que venha abençoar e proteger seus festeiros; depois se canta para São Pedro que, segundo as caixeiras, é “quem guarda a chave” da tribuna.

Fotografia 12 – Abertura da Tribuna (Santa Coroa)



Fonte: disponível online

Fotografia 13 - Altar do Divino Espírito Santo



Fonte: a autora

Etapa 2: Buscamento e Levantamento do Mastro

O mastro é um dos principais símbolos da Festa do Divino Espírito Santo. Trata-se de um tronco de árvore liso, sem galhos, que, geralmente, mede de 6 a 7 metros de altura. Em algumas casas de festa, ele é pintado de branco e azul ou de vermelho e branco. Em muitas festas, como na casa de Dona Zica, o mastro é recoberto por galhos de murta e, nele, são amarradas frutas e garrafas de vinho e cachaça. No topo do mastro, é colocada uma andeira com a imagem da pomba do Divino, chamada *mastrel*. É muito comum que o mastro seja chamado *Oliveira*, em referência à árvore sagrada onde pousou a pomba do Espírito Santo após o dilúvio e, também, ao Horto das Oliveiras onde se deu a Paixão de Cristo.

O Buscamento e Levantamento do Mastro, geralmente, acontecem no mesmo dia. São eventos festivos que atraem muita gente, não só participantes da festa, mas, também, vizinhos e curiosos. As despesas com a preparação e transporte do tronco são responsabilidades dos Padrinhos do Mastro, escolhidos no ano anterior. O mastro é trazido da casa dos padrinhos nos ombros de um grupo de homens em um animado cortejo acompanhado pelas Caixeiras. O clima é de diversão e brincadeira.

Antes de ser levantado, o mastro é batizado pelos padrinhos com raminhos de murta e água benta com as seguintes palavras:

Te batizo Oliveira
Com toda tua formosura
Não te dou os santos óleos
Porque não és criatura

Fotografia 14 - Batizado do mastro



Fonte: imagem disponível online

Enquanto isso, as Caixeiras cantam versos referentes ao batismo:

Batizamos Oliveira
Com amor e devoção
Cristo também foi batizado
Pelas mãos de São João

Dessa forma, quando o mastro se encontra totalmente erguido, são disparados muitos foguetes e todos os presentes batem muitas palmas com grande emoção. As Caixeiras, felizes

e emocionadas, executam o toque Nossa Senhora da Guia, cantando versos próprios para a ocasião:

Fotografia 15 - Levantamento do Mastro



Fonte: a autora

Levantamos Oliveira

Com grande satisfação

Divino subiu ao céu

Alegrando o coração

Sobe alto Oliveira

Vai subindo devagar

Sobe meu Espírito Santo

Que perto de Deus vou ficar

Desse modo, depois do mastro ter sido levantado, as Caixeiras recomeçam seus cânticos falando da satisfação de ver o mastro levantado e executam o toque Dança das Caixeiras, demonstrando alegria e emoção por mais uma missão cumprida:

Dança, dança, folioa
Eu gosto de ver dançar
Dança para alegrar
O Divino celestial

Menina que está dançando
Passa a mão no teu cabelo
Que do céu já vem caindo

Fotografia 16 - Dança das caixeiras



Fonte: a autora

Fotografia 17 - Dança das caixeiras



Fonte: a autora

Etapa 3: Visita dos Impérios

Na casa de festa de Dona Zica, a Visita dos Impérios é realizada no sábado, um dia antes da missa. O Espírito Santo sai em cortejo para visitar as crianças que formam o Império. Lá, a visita é feita a uma criança de cada vez, mas em outros lugares, a visita pode acontecer a duas crianças ao mesmo tempo em um só local (Imperador e Imperatriz ou Mordomo e Mordoma - régia).

O cortejo é formado pelas outras crianças do Império, caixeiras, bandeireiros, festeiros, pessoas amigas e simpatizantes. A criança que está sendo visitada espera o cortejo em sua casa junto com seus familiares e convidados. Costuma-se oferecer um belo e caprichado lanche com doces, salgadinhos e refrigerantes a elas. As Caixeiras tocam na porta, cantam e dançam no interior da casa.

Fotografia 19 - Visita do Império



Fonte: a autora

Fotografia 18 - Visita do Império à Mordoma-régia Érica, na residência de Dona Sinésia (conhecida como Dona Sinoca). Mordoma esta dada ao Divino por sua tia Vera Leudes (conhecida por Neinha), por pagamento de promessa.



Fonte: a autora

Fotografia 20 - Visita do Império



Fonte: a autora

Etapa 4: Missa e Cerimônia dos Impérios

A Missa e a Cerimônia dos Impérios são a coroação da Festa do Divino. Ocorrem no domingo que é o dia principal da Festa e, geralmente, são realizadas na igreja do bairro. Na casa de festa de Dona Zica, a missa acontece na Igreja Santa Luzia do próprio bairro Pindoba. No dia da missa, as Caixeiras chegam cedo às casas da Festa para executar uma *Alvorada* saudando o mastro. Depois, acompanham os Impérios até a igreja onde será realizada a Missa. Alguns padres costumam pedir que a santa croa e a pomba do Divino que estão na mão do imperador e da imperatriz sejam colocados sobre o altar da igreja e, no final, fazem o ritual de coroação do Império e algum comentário sobre a importância do Espírito Santo. Após o término da missa, as Caixeiras cantam o *Hino da Missa*, com o qual agradecem ao padre pela missa celebrada e fazem versos com pedidos de graça e de proteção.

Viva o hino, viva o hino

Viva o hino brasileiro

Também viva o Espírito Santo

Com seu retrato na bandeira

O padre que disse a missa
Que em Roam (Roma?!) se ordenou
Com três palavras benditas
No sacrário ele fechou

Quem rezou a santa missa
O grande prêmio mereceu
Pelo cálice pela hóstia
Pelo vinho que bebeu

Bandeleiro, bandeleiro
Arreuna vossa gente
A bandeira encarnada
É a primeira da frente

Eu saindo da igreja
Uma estrela brilhou
Vem saindo da igreja
O Divino Redentor

Fotografia 21 - Entrada do Império na igreja para Missa de Coroação



Fonte: a autora

Fotografia 22 - Preparação para Coroação do Império



Fonte: a autora

Fotografia 23 - Coroação do império



Fonte: a autora

Etapa 5: Roubo do Império

Em algumas casas de festa, como na casa de Dona Zica, antes do Derrubamento do Mastro, costuma acontecer a cerimônia do *Roubo do Império*. Pela manhã, uma pessoa distribui, pelas casas da vizinhança, alguns objetos da Festa: parte das vestimentas das crianças do Império, algumas bandeirinhas e as insígnias reais. À tarde, o Império e as Caixeiras fazem um cortejo que vai parando em todas as casas onde se encontram alguns dos objetos “roubados”. Em cada casa as Caixeiras cantam versos improvisados e recebem do dono da casa, não só o objeto roubado, mas, também, algum donativo para a Festa – velas, bebidas, alimentos, caixas de foguetes etc.

Fotografia 24 - Busca do roubo do império e objetos sagrados do Divino Espírito Santo



Fonte: a autora

Etapa 6: Derrubamento do Mastro

O Derrubamento do Mastro dá início ao final das festividades. Na casa de festa de Dona Zica, as pessoas saem diretamente do salão principal (Tribuna) para a frente da casa onde fica o mastro. Na hora do Derrubamento, alguns homens ficam responsáveis por cavar o buraco onde o mastro está levantado e outros começam a amarrar cordas para ajudar na derrubada. Os homens vão descendo o mastro com muito cuidado com a ajuda de cordas e tesouras (feitas de madeiras) enquanto as Caixeiras tocam Nossa Senhora da Guia e cantam versos que lamentam a derrubada:

Se eu pudesse, Oliveira,
 Tu não ias para o chão
 Mas tu vais ficar guardado
 Dentro do meu coração

Quando o mastro já está no chão, todos batem palmas e se dirigem para dentro do salão da Festa. Reza-se uma ladainha, todos jantam e, em seguida, as Caixeiras levam as crianças do

Império de volta para o salão onde a Caixeira-régia começará a realizar o *Repasse das Posses Reais*.

Fotografia 25 - Derrubamento do Mastro



Fonte: imagem disponível online

Etapa 7: Repasse das Posses Reais

O Repasse das Posses Reais é um momento solene e de profunda emoção em que os antigos festeiros se despedem e novos festeiros são escolhidos. Nele, as pessoas agradecem por graças alcançadas e/ou renovam suas promessas. O repasse começa com todas as Caixeiras cantando e se despedindo do Divino. Em seguida, apenas a Caixeira-régia puxa os versos, sendo acompanhada pela batida da caixa e pelo coro das demais companheiras. De acordo com a ordem dos versos, a dona da Festa vai descendo as crianças da tribuna, uma a uma, retirando as insígnias reais das crianças que estão deixando seu posto. Ao mesmo tempo, essas crianças repassam suas insígnias àquelas que ocuparão o cargo na Festa do próximo ano. A cada troca de cargo, todos batem palmas e as caixas ruflam. Muitas crianças ficam tristes e choram, emocionando as pessoas presentes; é um momento que causa extrema emoção.

Quando termina o repasse das posses, as Caixeiras cantam para os demais festeiros, especialmente para os padrinhos do mastro e da tribuna. É nesse momento que os padrinhos são

substituídos. Terminado o repasse das posses e entrega dos cargos, é iniciado o *Fechamento da Tribuna*.

Fotografia 26 - Início do Fechamento da Tribuna com o Repasse das Posses Reais para o Império do ano seguinte



Fonte: a autora

Fotografia 27 - Início do fechamento da tribuna com o repasse das posses reais para o império do ano seguinte



Fonte: a autora

Fotografia 29 – Repasse da coroa do Divino Espírito Santo (santa croa) e das bandeirinhas para as crianças (santeira e bandeireiras) do ano seguinte.



Fonte: a autora

Fotografia 28 - Repasse das Posses Reais para os padrinhos do ano seguinte.



Fonte: a autora

Etapa final: Fechamento da Tribuna

O Fechamento da Tribuna é o ritual que encerra a parte solene da festa, quando se canta para guardar as caixas e as bandeiras e para recolher a santa croa e a pomba do Divino ao altar. Nesse momento, a Caixeira-régia começa cantando o *Bendito do Hortelã*, um longo cântico que conta a saga de Cristo na Terra. Terminado o cântico, ela pede para todas as Caixeiras se despedirem. Depois, canta para recolherem as bandeirinhas, a santa croa, a pomba e, por último, a bandeira real, como se estivesse enviando o Espírito Santo para o céu. Após a cerimônia de Fechamento da Tribuna, começa a distribuição de doces e lembrancinhas para todas as pessoas presentes.

Fotografia 30 - Recolhimento dos objetos sagrados para encerramento da tribuna



Fonte: a autora

Fotografia 31 - Recolhimento dos objetos sagrados para encerramento da tribuna



Fonte: a autora

Fotografia 33 - Recolhimento dos objetos sagrados para encerramento da tribuna



Fonte: a autora